

O humor era o seu antídoto contra os dissabores e o insucesso

A OUTRA FACE DE LINCOLN

(Condensado de «*The Lion*»)

Richard Hanser

CONHECE-SE apenas uma efígie de Abraão Lincoln representando-o com a fisionomia sorridente. Para muitos, o seu nome evoca apenas a figura cismadora e sorumbática do monumento existente em Washington. Contudo, os contemporâneos de Lincoln acusaram-no de uma falta de circunspecção incompatível com a dignidade do cargo que exercia. E o *Saturday Review*, de Londres, viu nêle, certa vez, «não apenas o Primeiro Magistrado, mas também o Maior Galhofeiro do país».

O humorismo serviu-lhe de baluarte contra os amargos e sangrentos reveses da Guerra Civil. Era de vê-lo, alto e magro, envolto num amplo camisa de flanela, percorrendo à meia-noite os corredores da Casa Branca, à procura de alguém ainda acordado a quem pudesse contar uma história engraçada que acabara de ler. «O relincho de um potro selvagem em pleno descampado», já o disseram, «não era mais espontâneo do que a risada de Lincoln.»

Dentre as anedotas que giravam em tórno de sua pessoa, preferia a das duas senhoras puritanas que tro-

cavam idéias sôbre o fim da guerra.

—Acho que a vitória caberá a Jefferson Davis, declarou a primeira, porque êle é um homem que faz as suas orações.

—Abraão também, observou a outra.

—É, mas Deus vai pensar que êle está brincando.

Lincoln tornou-se conhecido, inicialmente, como advogado, mas a fama de que gozava era devida menos à proficiência revelada nos tribunais do que às suas piadas e anedotas. O Juiz David Davis, perante quem Lincoln patrocinou centenas de causas, era um dos maiores apreciadores da veia cômica do futuro presidente. «Sua presença nos tribunais era ansiosamente aguardada», dizia o Juiz Davis, «e nunca deixava de produzir alegria e hilaridade.»

Quando a marcha dos trabalhos se tornava enfadonha, Davis concitava Lincoln a reanimar o ambiente. Certo dia, o Juiz empunhou uma longa petição redigida por um advogado notoriamente preguiçoso.

—Espantoso, Lincoln, não lhe parece?

—É um caso semelhante ao do pregador indolente que costumava esquecer intermináveis sermões, respondeu Lincoln. Quando se punha a escrever, tinha preguiça de parar!

Quando era candidato ao Congresso, Lincoln assistiu a um comício do seu adversário, o pregador do Evangelho Peter Cartwright, que a certa altura pediu ao auditório:

—Todos aquêles que desejam levar uma vida exemplar, enviar um homem bom ao Congresso e ir para o céu, façam o favor de levantar-se!

Com exceção de Lincoln, todos se puseram de pé.

—E agora queiram levantar-se os que têm horror à virtude, que desejam ver no Congresso um pecador sem princípios, os que certamente acabarão indo para o inferno!

Todos os olhares se voltaram para Lincoln, que permaneceu calmamente sentado.

—Então, Sr. Lincoln, disse Cartwright, o senhor não tenciona ir para o céu nem para o inferno. Para onde vai o senhor?

Lincoln levantou-se lentamente e estendeu a mão para apanhar o chapéu.

—Vou para o Congresso, respondeu, e abandonou o comício.

Durante os seus debates políticos com Stephen Douglas, Lincoln valeu-se do seu inesgotável bom humor para, à custa do próprio adversário, conquistar para si o apoio do público. Por ocasião de um desses debates, Douglas referiu-se ao fato de, na sua mocidade, ter aprendido do pai o

ofício de tanoeiro. Lincoln transformou êsse esclarecimento numa estocada que deixaria Douglas marcado para o resto dos seus dias.

—Só agora vim a saber, disse Lincoln, que o pai do Sr. Douglas era tanoeiro. Devia ser, estou certo, um ótimo profissional, pois—e inclinouse em direção a Douglas—produziu um dos melhores barris de uísque que eu já vi.

Douglas, replicando, procurou explorar a circunstância de Lincoln ter vendido uísque num armazém de sua propriedade.

—O que o Sr. Douglas afirmou, retorquiou Lincoln, é a pura expressão da verdade. Posso ainda acrescentar que naquele tempo êle era um dos meus melhores fregueses. E posso afirmar que desde então consegui sair do meu lado do balcão, ao passo que o Sr. Douglas ainda continua no seu.

De outra feita, Douglas chamou-o de «homem de duas caras».

—O auditório que tire as suas próprias conclusões, respondeu Lincoln. Se eu tivesse outra cara, acham que eu andaria com esta?

Depois que êle foi eleito Presidente, certa delegação não cessava de importuná-lo a fim de obter que um fulano qualquer fôsse nomeado representante diplomático nas Ilhas Sanduíche (Havaí), alegando que êsse candidato se sentia doente e sem dúvida iria experimentar os benefícios do clima salubre daquelas paragens.

—Lamento muito, cavalheiros, re-

plicou Lincoln, mas existem mais oito pretendentes ao lugar, e todos mais doentes do que o candidato dos senhores.

Um diplomata estrangeiro censurou-o por insinuar que certo livro de história grega era maçante.

—O autor dessa história, Sr. Presidente, é um dos maiores estudiosos da época presente. É mesmo de se duvidar que algum homem da nossa geração tenha mergulhado mais profundamente na fonte sagrada da sabedoria.

—Ou tenha voltado à tona tão enxuto, rematou Lincoln.

Seu repertório de histórias ajudava-o a manter-se sereno ante o excesso de liberdade com que freqüentemente o tratavam. Quando um velho amigo de Springfield lhe perguntou que sensação dava ser Presidente dos Estados Unidos, respondeu:

—Você já ouviu falar no homem que foi besuntado de piche, recoberto de penas e carregado para fora da cidade sob uma chuva de improperios? Quando alguém, na multidão, lhe perguntou que tal achava aquilo, êle respondeu: «Se não fôsse pela honraria, confesso que preferia ir a pé.»

A 22 de setembro de 1862, o Gabinete de Guerra foi peremptoriamente convocado para uma sessão especial na Casa Branca. «O Presidente estava lendo um livro e mal notou a minha chegada», escreveu mais tarde o Ministro da Guerra, Stanton. Finalmente, voltando-se para o grupo,

leu em voz alta um capítulo de um livro humorístico então em voga. Stanton ficou furioso e chegou a pensar em retirar-se. Mas Lincoln continuou a leitura, muito concentrado, e, ao final, riu gostosamente. Em seguida, perguntou:

—Por que não riem também, cavalheiros? Com a terrível tensão que me avassala noite e dia, eu já estaria morto se não soubesse achar graça. E os senhores precisam dêsse remédio tanto quanto eu.

Estendendo a mão, apanhou, então, a cartola colocada sobre a mesa e tirou de dentro dela um documento, que foi lido em voz alta. Era a Proclamação da Emancipação. Stanton ficou abismado. Levantou-se, tomou a mão de Lincoln e observou:

—Sr. Presidente, se a leitura de um capítulo dêsse livro constitui prelúdio para um ato dessa magnitude, é o caso de mandar o livro para o arquivo nacional e propor a canonização do seu autor!

Mas o penoso fardo que Lincoln carregava às costas nas horas de vigília foi-lhe pouco a pouco solapando as fôrças. O riso ruidoso tornou-se menos freqüente de ano para ano. Já bem no fim, entretanto, num momento extremamente sinistro, a sua reserva de preciosas histórias não lhe faltou. Ainda tinha uma última para contar.

Em suas *Recordações de Abraão Lincoln*, Ward Hill Lamon, amigo e colega de Lincoln, fala-nos dum sonho que o Presidente teve poucos dias antes de morrer. Percebendo si-

nais de luto na Casa Branca, procurou saber o que se passava e entrou no Salão de Leste, onde estava um catafalco guardado por soldados.

—Quem morreu? perguntou.

—O Presidente, responderam-lhe. Foi assassinado.

O sonho impressionara profundamente Lamon e a Sr^a Lincoln, mas o Presidente esforçou-se por dissipar aquela apreensão com uma exibição dos seus dotes de espírito.

—Vocês parece que não souberam interpretar êsse sonho. O assassinado não fui eu, e sim outra pessoa.

E, como sempre, lá veio a anedota:

—Isso me faz lembrar um velho fazendeiro cuja familia adoeceu gra-

vemente por ter comido um prato de hortaliças. Certa erva venenosa tinha sido colhida juntamente com a verdura. Havia na família um rapazinho meio bocó que atendia pelo nome de Jake. Daquele dia em diante, sempre que se servia verdura, o dono da casa dizia: «Antes de comermos dêste prato, vamos experimentá-lo em Jake. Se êle não sentir nada, nós também nada sentiremos.» O mesmo se dá comigo. Enquanto êsse assassino imaginário continuar a exercitar-se nos outros, poderei ficar sossegado.

Foi a sua última anedota e a única que não produziu o efeito desejado. A pistola de John Wilkes Booth já estava carregada e escorvada.

“ ENTRE ASPAS ”

O INVERNO não é uma estação, e sim uma ocupação. —Sinclair Lewis

UMA CONFERÊNCIA é algo que nos obriga a insensibilizar uma extremidade do corpo em benefício da outra. —J. G.

A MEMÓRIA é o mais sutil e convincente dos mentirosos. —O. M.

É NATURAL que a vida seja impossível nos outros planêtas, pois se neste aqui ela já anda tão difícil... —Banking

É BOM aprendermos desde o começo a não brincar com a colher antes de tomar o remédio. O adia-

mento de um problema fácil torna-o difícil, e o de um problema difícil torna-o insolúvel. —G. H. L.

A PRINCIPAL vantagem em frequentar a universidade é que só assim a gente aprende que não há nenhuma vantagem em cursá-la. —G. E. H.

A BUSCA da verdade torna-nos livres, mesmo que jamais consigamos alcançá-la. —C. D.

SABER aproveitar as oportunidades e saber abrir mão de uma vantagem são, nessa ordem, as coisas mais importantes da vida. —Disraeli